

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

**LENTA, DIFÍCIL, FRUSTRANTE E FRÁGIL: A REINVENÇÃO DA  
EDUCAÇÃO NA OBRA DE GERT BIESTA<sup>1</sup>**  
**SLOW, DIFFICULT, FRUSTRATING AND FRAGILE: THE REINVENTION OF  
EDUCATION IN GERT BIESTA'S WORK**

**Mariane Moser Bach<sup>2</sup>, Vânia Lisa Fischer Cossetin<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Estudo realizado no Mestrado em Educação nas Ciências (UNIJUI).

<sup>2</sup> Licenciada em Letras-Português e Inglês e mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUI. E-mail: mariane.bach@gmail.com.

<sup>3</sup> Dra. em Filosofia, professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUI. E-mail: vania.cossetin@unijui.edu.br.

## **INTRODUÇÃO**

Uma vez acordado de que pela linguagem nos tornamos humanos e de que nossa ação no mundo, que é sempre um agir em relação aos outros, se realiza em práticas sociais mediadas pela linguagem, já não é um segredo a revelar: as palavras têm poder. Nosso conhecimento não se dá pelo acesso direto à coisa enquanto coisa, mas é sempre mediado pelas palavras (HERMANN, 2002). A linguagem - condicionada histórica, social e culturalmente - estrutura nosso ser e nossa maneira de enxergar o mundo, ao permitir e, também, limitar nossas compreensões sobre ele. De acordo com Biesta (2017, p. 29), “[...] desde Foucault, sabemos que as práticas linguísticas e discursivas delineiam - e talvez possamos dizer até: constituem - o que pode ser visto, o que pode ser dito, o que pode ser conhecido, o que pode ser pensado e, finalmente, o que pode ser feito”.

Nisso, conforme salienta Biesta (ibid.), encontra-se o motivo pelo qual a linguagem importa para a educação e pelo qual é necessário refletir sobre o modo como os discursos aparecem no cenário educativo, posto que a linguagem diz daquilo que pode, ou não, ser dito e feito.

Em *Para além da aprendizagem* (BIESTA, 2017), a preocupação do autor reside na questão de a linguagem da educação estar sendo substituída por uma linguagem da aprendizagem, o que teria por consequência algumas perdas nos sentidos basilares da prática educativa. Já em *The beautiful risk of education* (idem, 2016), ainda sem edição no Brasil, o autor critica a tendência contemporânea de querer livrar a educação de qualquer risco, tornando-a forte, segura e previsível. A partir da leitura das obras, percebe-se que tais críticas nascem da denúncia de que a educação está sendo colocada em termos de uma transação econômica, o que favorece a ideia segunda a qual os alunos não passam de consumidores e as aprendizagens de mercadorias. Ao passo que a linguagem mercadológica anuncia aprendizagens rápidas, fáceis e práticas, para acompanhar o ritmo frenético da sociedade atual, Gert Biesta destaca justamente adjetivos contrários a estes a fim de qualificar o substantivo que está em jogo: a educação.

Motivadas por essa constatação, elaboramos este estudo com o objetivo de realizar uma breve análise sobre a utilização desses adjetivos, os quais, na linguagem cotidiana, comumente possuem

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

uma conotação negativa, isto é, são utilizados como forma de expressar defeitos ou debilidades. Biesta, contudo, os toma como qualidades desejáveis, a fim de reinventar os sentidos da educação. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica, com enfoque interpretativo hermenêutico, de duas importantes obras de Gert Biesta (2017; 2016), *Para além da aprendizagem* (2017) e *The beautiful risk of education* (2016).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em *The beautiful risk of education* (2016), Gert Biesta defende que educar sempre envolve um risco. Segundo ele, o risco de falhar não está na falta de qualificação dos professores, das evidências científicas ou, ainda, na ausência de motivação e esforço dos alunos. O risco de educar existe porque a educação é um encontro de seres humanos, sujeitos de ação e responsabilidade, e não meros objetos a serem moldados e disciplinados. No entanto, cada vez mais os professores estão sendo impedidos de falar sobre essa característica, em nome de uma educação forte, segura e previsível. Mas por que isso não seria desejável?

Para o autor, o desejo de fazer a educação forte, segura, previsível e livre de riscos, ou seja, de colocar a educação sob total controle, é uma expressão dos tempos de impaciência que vivemos, nos quais somos condicionados a acreditar que a realização instantânea dos nossos desejos é, além de possível, algo bom. Porém, a educação não funciona desta maneira, posto que não há encontro perfeito ou correspondência exata entre o que é ensinado e o que é aprendido. Assim, para Biesta, esse desejo também se relaciona com a negação da pluralidade, isto é, ao fato de que existem outros seres humanos cujas maneiras de pensar e motivações apresentam-se bem diferentes das nossas, quando a preocupação da educação deveria ser justamente o estabelecimento de oportunidades de diálogo com o outro.

Além disso, conforme Biesta a educação não é sobre ter total liberdade (atender aos desejos da criança) ou total controle (submeter a criança aos desejos da sociedade), ou, ainda, encontrar um meio termo feliz entre os dois. O argumento do autor é que (aqui em tradução livre):

"O objetivo da educação reside na transformação do que é desejado naquilo que é desejável. [...] Transformação que não pode ser conduzida na perspectiva do eu e seus desejos, mas sempre requer a consideração do que ou quem é o outro (o que também torna a educação uma questão de democracia). É, portanto, novamente, um processo dialógico. Isso faz do caminho educacional um caminho lento, difícil, frustrante, e, poderíamos dizer, frágil, já que o resultado desse processo não pode ser garantido ou assegurado" (BIESTA, 2016, p.03).

Neste excerto, o autor utiliza os adjetivos *lento*, *difícil*, *frustrante* e *frágil* para caracterizar o processo educativo. É sobre tais atributos que, no momento, gostaríamos de focar nossa análise. Se a educação escolar é *lenta*, não é apenas porque lida com um grande número de pessoas, cada qual com uma personalidade, mas porque cada uma delas é portadora de um tempo singular de

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

aprendizagem, de modo que a escola não poderia ignorar os “atrasados” com vistas a apenas cumprir metas e “vencer” os conteúdos rapidamente, justamente porque a verdadeira razão de ser do professor é o aluno. E errar faz parte do aprender, tanto quanto a resiliência faz parte do ensinar. Desse modo, educação necessita de tempo.

É por essa razão, também, que o caminho da educação é *difícil*, posto que ela é uma violação da soberania do estudante, na qual interfere “propondo questões difíceis e criando encontros difíceis. Mas é essa violação que torna possível a vinda ao mundo de seres únicos e singulares” (BIESTA, 2017, p. 49-50). É por meio de uma educação desconfortante e desafiadora que o aluno irá colocar-se como sujeito participante de sua própria aprendizagem, com a necessidade de pensar, questionar, criar, ler, sistematizar, escrever, enfim, reformular o que está posto em perspectiva própria, para a construção de um conhecimento novo. Nesse sentido, a aprendizagem só ocorre mediante o engajamento do educando, por isso Biesta (2017) afirma que aprender é arriscar-se a ser modificado pela educação. “Isso significa que a educação só começa quando o aprendente está disposto a correr um risco” (ibid., p. 45). Desse modo, sugerir “que os aprendentes não correm nenhum risco ao se engajarem na educação, ou que os resultados da aprendizagem podem ser conhecidos ou especificados de antemão é uma representação errônea do que significa a educação” (ibid., p. 45).

Por fim, o caminho da educação é *frustrante e frágil*, pois seus resultados não podem ser garantidos de antemão, o que explica por que, segundo Biesta, a tarefa escolar não tem a ver com produção efetiva de resultados de aprendizagem pré-definidos e com seus protocolos educacionais cada vez mais prescritivos. A educação deve interessar-se pela subjetividade daqueles que educa e o seu envolvimento com o mundo, bem como compreender uma abertura para com o outro, pois quem somos e desejamos ser ultrapassa a esfera individual e constitui uma questão das nossas relações na sociedade (BIESTA, 2016; 2017). Ademais, o próprio conhecimento está na dependência dos entendimentos construídos entre os sujeitos. Nessa perspectiva, Bouffleuer (20-?), nos ajuda a entender que o professor precisa superar a expectativa de ver na aprendizagem do aluno o reflexo de sua própria aprendizagem, pois a reconstrução do conhecimento não se repete, mas se faz em perspectiva própria.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação é uma dimensão da vida em que se manifestam múltiplos discursos, que revelam compreensões e entendimentos frequentemente dissonantes entre si. Por óbvio, o modo como se constituem não se dá aleatoriamente uma vez que emergem das relações entre as pessoas envolvidas, condicionadas por seus contextos histórico-culturais. Além disso, no que atine à educação, tratam-se de relações intencionalmente exercidas.

Gert Biesta, nesse sentido, efetua uma espécie de reinvenção do significado da educação pela indicação de atributos incomuns e até mesmo considerados impróprios para este fim. É o caso das expressões lenta, difícil, frustrante e frágil, as quais expressariam, linguisticamente, o verdadeiro sentido do educar. Ademais, Gert Biesta alerta para uma questão imprescindível à reflexão sobre

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

educação. Diz respeito àquilo que ela deveria alcançar e em que extensão isso poderia ser esperado. Em outras palavras, qual tipo de segurança é desejável, possível e se tal desejo não acaba justamente se tornando não-educativo.

**REFERÊNCIAS**

BIESTA, Gert J.J. *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*. Tradução Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BIESTA, Gert, J.J.. *The beautiful risk of education*. New York: Routledge, 2016.

BOUFLEUER, José Pedro. *Paradigmas do conhecimento e da educação*. [S.l.]:[20--?].

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.